

ROTEIRO DAS ÁGUAS NA EXPEDIÇÃO CAMINHOS DOS GERAES

Cenas de encher os olhos de encantamento marcaram a trajetória de 980 km percorrida pela paisagem da Serra Geral, descrita por Euclydes da Cunha, em *Os Sertões*:

[...] o eixo da Serra Geral se fragmenta, indefinido. Desfaz-se. A cordilheira eriça-se de contrafortes e talhados de onde saltam, acachoando, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguaçu, e um dédalo de serranias tortuosas, pouco elevadas mas inúmeras, cruza-se embaralhadamente sobre o largo dos gerais, cobrindo-os. Transmuda-se o caráter topográfico, retratando o despoderado embater de elementos, que ali reagem há milênios entre montanhas derruídas, e a queda, até então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamentos consideráveis. Revela-os o São Francisco, no vivo infletir com que torce para o levante, indicando do mesmo passo a transformação geral da região. (CUNHA: 11)

A nossa viagem foi um roteiro de contrastes entre raras belezas naturais e paisagens chocantes, como a da Barra do Vieira com o Verde Grande, um ambiente poluído pelo esgoto

de Montes Claros, despejado sem nenhum tratamento. Uma realidade presente na maioria dos municípios do país.

Logo início do percurso, flagramos um acidente decorrente de um desvio comum entre aqueles que tentam burlar a fiscalização. Um caminhão de São João da Ponte carregado de carvão tombou em uma curva da Estrada da Produção, caminho utilizado por caminhoneiros que transportam cargas ilegais. O motorista fugiu. De acordo com o técnico do IEF, Willian Dias Sampaio, “o carvão é nativo da vegetação de Mata Seca e o caminhoneiro, provavelmente, não possuía licença para transportar a carga, que vinha de uma região de preservação permanente”.

O primeiro município visitado foi Capitão Eneás, área de vegetação de transição do Cerrado para a Mata Seca. Lá, conhecemos a lendária Lapinha de Santo Antônio. A gruta está localizada na Serra do Queixo, próxima de Santana da Serra. Além de seus encantos naturais, a lenda diz que quem visita a

Lapinha conquista o matrimônio. A história de devoção ao santo casamenteiro é confirmada pelo Secretário de Cultura e Turismo, João Elcio, que garante: “depois de visitar a Lapinha não há como ficar solteiro”.

A expedição também foi marcada por situações, que apesar de surpreendentes, encontravam-se dentro da lei. Em uma carvoeira com 15 fornos em funcionamento, o proprietário tem licenciamento do IEF, que averbou a reserva legal a ser preservada em cartório (20% da mata primária, conforme o que determina a lei 4.771/65). Como o pedido de licença foi solicitado antes da deliberação normativa ADN 072/2004, o fazendeiro foi autorizado a desmatar 80% da mata primária. “Se o pedido para o desmatamento fosse feito após a deliberação normativa, apenas 20% da mata primária poderiam ser liberados para corte. A multa pelo descumprimento é de R\$388 por hectare”, explicou o técnico do IEF, Willian Dias Sampaio.

O cerrado comporta 5% da biodiversidade do planeta. E abrange a área total de 315 milhões de hectares, ou 37% da superfície do solo brasileiro, onde vivem mais de 37 milhões de pessoas. Esse bioma, também, é considerado um grande reservatório hídrico, onde nascem e se alimentam as principais bacias hidrográficas da América do Sul.

As árvores do Cerrado são muito peculiares, com troncos retorcidos, cobertos por uma cortiça grossa, com folhas geralmente grandes e rígidas. Muitas plantas herbáceas têm órgãos subterrâneos para armazenar água e nutrientes. As “suculentas” são dessas espécies que armazenam água para sobreviver aos longos períodos de estiagem, característica comum no clima do Norte de Minas.

Em Nova Porteirinha, a engenheira agrônoma, Ângela Gontijo, produz e cultiva 1.200 espécies de suculentas nativas e exóticas numa área de 1500 m² de estufas cobertas

e 300 m² de canteiros externos. A coleta e a produção têm autorização dos órgãos ambientais.

De acordo com a agrônoma,

as suculentas têm a anatomia altamente especializada, o que permite sua sobrevivência em ambientes áridos. São capazes de armazenar água nos tecidos carnosos de seus caules, raízes e folhas. Este tipo de planta também pode cessar suas atividades e tornar-se dormente em condições críticas. Sua curiosa aparência reflete uma evolução única, onde a forma, a função e a sobrevivência estão intrinsecamente ligadas.

Chegando a Janaúba, a primeira parada foi no Rio Gortuba, local de trabalho de muitas lavadeiras. O lugar encontra-se ameaçado pelo assoreamento e a mata ciliar está comprometida. Na Lagoa do Bico da Pedra, encontramos a Mata de Cipó, característica da vegetação de Mata Seca, hoje a mais ameaçada de extinção, ocupando, conforme dados do IEF, uma extensão de apenas 1 milhão e 300 mil hectares no estado de Minas Gerais. Segundo o fotógrafo do IEF, Evandro Rodney, “a grande preocupação do Instituto é o fato de que não existe nenhum estudo profundo sobre este tipo de vegetação com a catalogação de todas as espécies nativas”.

Em visita à área rural de Porteirinha, alguns exemplos de convivência equilibrada com a natureza. Dela se extraem os frutos que garantem o sustento de famílias inteiras, mas em contrapartida, são executadas algumas ações preventivas. Afinal, neste Cerrado de riquezas mil, há muito que se preservar.

Na próxima seca, alguns moradores da região contarão com outras alternativas para a falta de água, além do abastecimento dos caminhões-pipa. Isso porque algumas famílias foram contempladas pelo Projeto Cisternas, que vem sendo executado pela parceria de ONGs com entidades privadas no Semi-Árido Nordeste. A área de abrangência do programa é o norte dos estados de Minas

Gerais e do Espírito Santo, o sertão da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, e sudeste do Maranhão. Estima-se que vivam aproximadamente 8 milhões de pessoas na área rural dessas regiões, o que as torna o semi-árido mais populoso do mundo.

Como no Semi-Árido a chuva não é regular e o solo não absorve a água, esse sistema de sistema permite captar a água das chuvas e armazená-la para a estiagem. Os idealizadores do projeto acreditam que as cisternas caseiras são os reservatórios mais simples e eficientes para captação da água das chuvas. O tamanho da cisterna varia de acordo com o número de pessoas da casa. “A experiência mostra que a cisterna pode garantir água potável para beber e cozinhar por 8 meses. Uma família de cinco pessoas terá água para beber por até 12 meses, com 200 milímetros de chuva por ano”, explicou Marilene Silva, técnica do Centro de Agricultura Alternativa, parceiro do projeto.

Na comunidade Curral Velho, área rural de Porteirinha, uma experiência que tem colhido bons frutos é o Projeto Quintais. As pessoas selecionadas são beneficiadas com sementes, equipamentos e qualificação para o desenvolvimento de hortas domésticas. Os produtores também recebem apoio para criar cooperativas que produzam e comercializem produtos orgânicos. O projeto tem como principal objetivo propiciar a melhoria da qualidade de vida das famílias carentes e permitir a permanência do homem no campo, garantindo sua sustentabilidade.

Com a parceria da Cooperativa Grande Sertão, o produtor Elton Mendes Barbosa culti-

va espécies nativas. Inicialmente, as frutas produzidas no seu pomar eram utilizadas apenas no consumo da família. Hoje, com a intensificação da produção, o excedente é comercializado.

Além das frutíferas, uma das espécies cultivadas é a moringa¹ utilizada para limpar a água dos açudes e das caixas d'água. A semente atua como purificador natural, de uso comum, principalmente entre as populações das áreas sujeitas a secas como o Norte de Minas.

A experiência do projeto Quintais fez com que seu Elton deixasse de realizar a monocultura do algodão e passasse a produzir frutos como pequi, umbu, araçá, acerola, romã, tamarindo e pinha. Com os prejuízos, o produtor preferiu optar pelas espécies nativas do cerrado e não se arrepende: “Aqui em casa nunca mais utilizamos sucos industrializados; as frutas são colhidas e o suco preparado na hora, além de aumentar a renda da família, temos uma vida mais saudável”, argumenta o produtor.

Mas, não pára por aí. No entorno do Rio Mosquito, o produtor plantou espécies nativas como as paineiras e canafístulas², em uma recomposição da mata ciliar. E as encostas do rio são aproveitadas para a criação de abelhas das espécies Jataí e Europa.

Seguindo viagem, após percorrermos uma vegetação de troncos retorcidos e secos, a chegada à Cachoeira do Serrado revelou uma paisagem surpreendente. De acordo com a técnica da Emater, Cleide Neves, “ao contrário do que parece, o nome serrado com “s”, não se refere ao tipo de vegetação, mas à palavra grega *serratus*, que quer dizer queda d'água”.

¹ Estudos da empresa brasileira de pesquisa e agropecuária, a Embrapa apontam que a semente provoca uma diminuição nos riscos de infecção, com a água passando a ser considerada potável.

² É um arbusto anual, das lagoas e lugares úmidos do sertão; cresce com grande rapidez na estação das chuvas. Suas pequenas flores branco-amareladas oferecem grandes atrativos para as abelhas.

Segundo descrito em “Capítulos Sertanejos”, de Giselle Fagundes e Nahílson Martins, a Cachoeira do Serrado é constituída pelo Rio Serra Branca.

[...]um conjunto de quedas espetaculares, entre Porteirinha e Mato Verde. Quedas não tão imponentes, mas em maior número (sete) e também belíssimas, forma o Mosquito pouco antes de se meter no Talhado. O Talhado, quase durante todo o século passado, era o caminho utilizado pelos tropeiros que levavam produtos da região da bacia do Pardo para os mercados de Porteirinha e Serranópolis.

Na Cachoeira do Serrado, as formações rochosas compõem o cenário de uma verdadeira obra de arte da natureza. As quedas d’água refletem os raios do sol num ambiente de rara beleza, entrecortado pela vegetação de Caatinga, com uma fisionomia de deserto, com índices pluviométricos muito baixos, em torno de 500 a 700 milímetros anuais. As plantas possuem adaptações ao clima, tais como folhas transformadas em espinhos, cutículas altamente impermeáveis e caules suculentos.

No município de Mato Verde, mais uma bela vista, a Cachoeira do Pageú. De lá, é possível visualizar o Pico Formosa, ponto mais alto da região, com 1835 metros. Com seus montes azuis, a água ferruginosa intercalada pelas formações rochosas claras e escuras e a vegetação de mata ciliar preservada compõem um cenário bucólico. Entretanto, não podemos deixar de mencionar a falta de consciência de alguns visitantes que ainda insistem em deixar suas marcas. No local, encontramos garrafas descartáveis, um contraste com uma natureza tão exuberante.

A paisagem do cerrado é caracterizada por extensas formações savânicas, interceptadas por matas ciliares ao longo dos rios, nos fundos de vale. Entretanto, outros tipos de ve-

getação podem aparecer na região dos cerrados, tais como os campos rupestres, que ocorrem nas maiores altitudes, como é o caso do Parque Estadual de Serra Nova³, no município de Rio Pardo de Minas.

Criado em 2003, “o Parque Serra Nova é um refúgio de vila silvestre no meio do cerrado, uma extensão de 12 mil e 600 hectares, com cachoeiras de até 1.455 metros de altura. Com esse enorme potencial, o distrito de Serra Nova abriga uma enorme quantidade de rios que abastecem os Vales do Jequitinhonha e do São Francisco e correm até o mar, seu destino final”, conforme explica o técnico do IEF, Eduardo Augusto da Silva.

O Parque abriga um braço da Serra do Espinhaço, onde se encontram os Vales do Jequitinhonha e São Francisco. A água que corre entre as pedras não só é cristalina, mas também, comprovadamente mineral. Morador do Distrito Serra Nova, há 30 anos, o lavrador Georgino Jorge se emociona ao revelar o quanto se orgulha da criação do parque, que alertou a população para a importância da preservação. “Agora, o povo tá preservando a natureza, não tá caçando mais, não tá tirando madeira na cabeceira do rio, não tá pescando e nem botando fogo”.

A criação do Parque impôs ao IEF alguns desafios como o de conter a exploração artesanal de quartzito pela comunidade local e a pecuária extensiva. Nas décadas de 1970 e 1980, o governo de Minas Gerais arrendou as terras da região para empresas cuja atividade econômica seria o plantio de florestas exóticas, ou seja, para monocultura do eucalipto, com incentivos federais e estaduais. A comunidade sobrevivia da agricultura de subsistência tendo a produção básica de mandioca e milho e, também, da exploração

³ Saíndo do município de Montes Claros, pela BR 251 percorre-se 233 Km até o município de Taiobeiras; em seguida, pela MG 42 segue-se até o município de Rio Pardo de Minas, distante 48 Km do município de Rio Pardo de Minas até a comunidade de Serra Nova, onde está localizada a unidade de conservação.

do quartzito como incremento de renda. Hoje, as áreas inseridas no perímetro do Parque Estadual de Serra Nova estão regularizadas, sendo o Instituto Estadual de Florestas o responsável pela administração e gerenciamento da área.

O distrito de Serra Nova tornou-se conhecido nacionalmente com o episódio do Laço Húngaro, conforme explica a gerente do IEF, Marly Vitorina. Segundo dados registrados no ensaio histórico de Dario Teixeira Cotrim, “no ano de 1926, o distrito Serra Nova se transformou por dois dias no quartel general da Coluna Prestes, então comandada pelo Capitão Luís Carlos Prestes”.

De acordo com a gerente, “em Serra Nova, depois de acuado pelos legalistas comandados por Horácio de Matos, da Bahia, a Coluna Prestes executou o Laço Húngaro, conhecida estratégia militar que consistia em avançar pela retaguarda, quando um pequeno grupo seguiria rumo a São Paulo e a Coluna retornaria ao Nordeste, descrevendo um semicírculo, passando por Taiobeiras com destino a Vitória da Conquista, na Bahia, o que desnorteou a tropa do governo”.

Saindo de Rio Pardo de Minas presenciamos o encontro dos rios Pardo e Preto, que correm juntos, mas sem se misturar, como o Negro e o Solimões. Pé na estrada, agora em direção a Salinas. No caminho, um desafio: o mau-estado de conservação da estrada.

Mais à frente, uma obra de asfaltamento poderá ser submetida a uma licença corretiva do Instituto Estadual de Florestas. A denúncia é de que os detritos diminuem a vazão dos rios, causando o assoreamento. Espécies nativas como Aroeira, Juazeiro, Imburana e Angico Vermelho foram arrancadas sem autorização do órgão ambiental.

Continuando o trajeto, mais um contraste. Onde antes corria um rio, hoje só se vê areia.

Segundo o advogado Carlos Lúcio, “a obra de drenagem iniciada, há cerca de vinte anos, foi abandonada causando um grande prejuízo para a economia da região”.

Chegando em Salinas, município com tradição na produção de cachaça e requeijão, primeira parada: Escola Agrotécnica Federal, onde funciona o primeiro curso de Tecnologia em Produção de Cachaça. A Coordenadora de Ensino, Soraya Gonçalves Costa, explicou que com a intensificação do comércio de cachaça, nasceu a demanda por formação de mão-de-obra especializada e foi então instalado o primeiro curso do país.

No mercado, ponto turístico mais visitado em Salinas, cidade que sobrevive da produção agropecuária, é possível encontrar uma enorme variedade de produtos, desde doces até os tradicionais requeijões, com fama de serem os melhores do Brasil. Para o produtor rural Lorivaldo Souza Coutinho, o segredo do requeijão está na tradição repassada pelas famílias. Trabalhando no mercado há 15 anos, Felisberto Celestino conta que depois que se aposentou é da comercialização dos excedentes que garante a sobrevivência da família.

Visitamos, também, o alambique mais famoso da região, onde são produzidas as cachaças Seleta, Boazinha e Saliboa, exportadas pelo produtor Antônio Rodrigues, figura importante no município. Produtor de cachaça há mais de 30 anos, seu Antônio falou da importância que o produto ganhou, principalmente depois que se tornou patrimônio nacional. “A cachaça, hoje, se elitizou e é consumida nos melhores bares das grandes cidades”.

Em 12 mil anos de ocupação humana, a diversidade ecológica do Norte de Minas propiciou diferentes modos de vida, de uso de recursos e de convivência com a natureza. Um exemplo de convivência harmoniosa entre os *geraizeiros* ocorre no Assentamento America-

na, município de Grão Mogol. As estratégias de convivência, através do aproveitamento do Cerrado, são desenvolvidas pela parceria da Universidade Estadual de Montes Claros, Unimontes, com o Centro de Agricultura Alternativa.

Cerca de quarenta famílias de produtores rurais foram instaladas em uma área de 4 mil hectares destinados à preservação ambiental. A expectativa é que pelo menos mais trinta famílias sejam assentadas. De acordo com o vice-presidente da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Americana, Décio Mendes Barbosa, “da vegetação do cerrado são extraídas frutas típicas da região como a mangaba, o araçá, a goiaba, o pequi e o coquinho, comercializadas junto a Cooperativa Grande Sertão, que processa os frutos para a produção de polpas”.

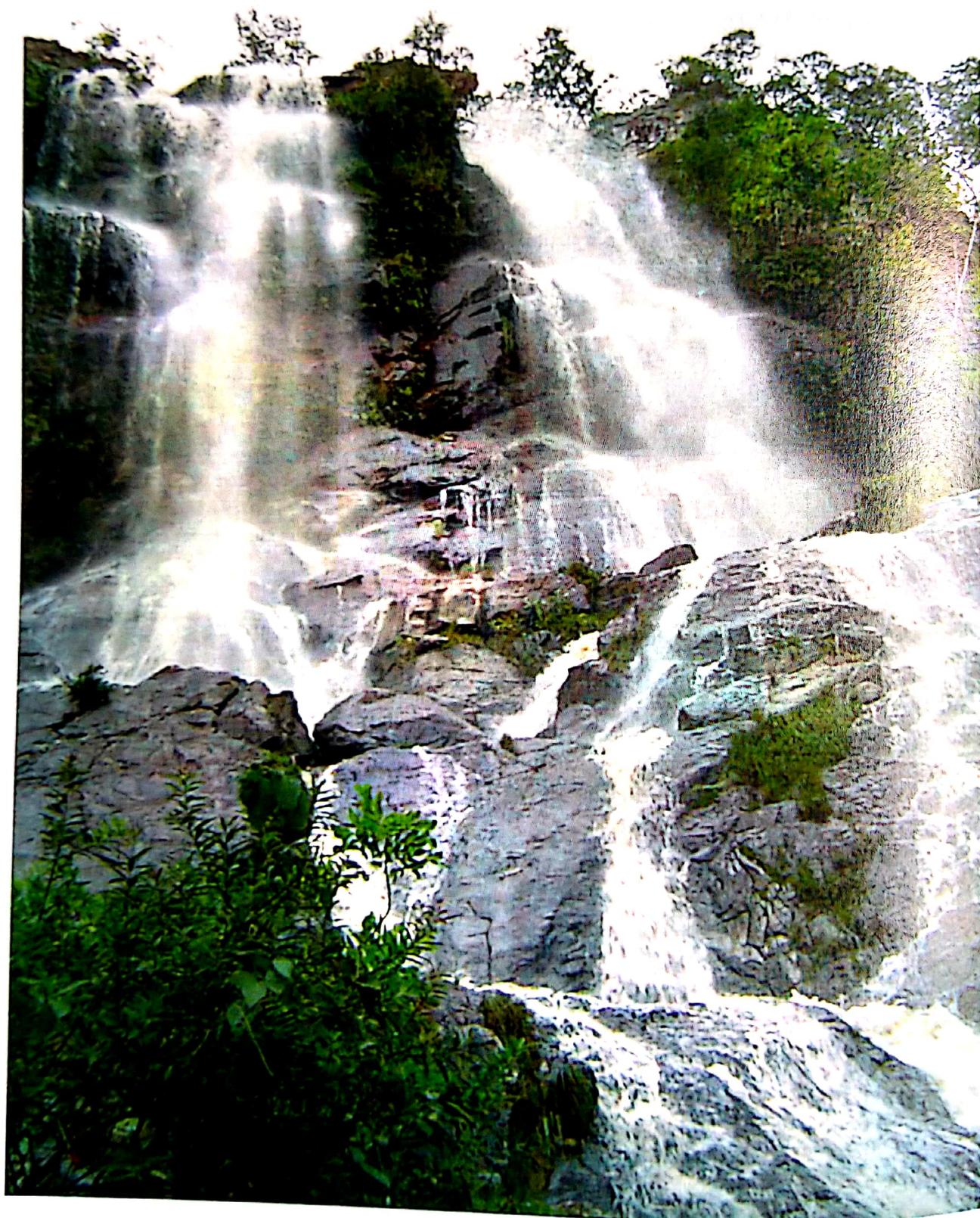
A flora brasileira é bastante variada, com uma infinidade de cores, cheiros, texturas e tamanhos. Conhecido por sua biodiversidade, o Cerrado possui espécies com propriedades fitoterápicas e medicinais, “a exemplo da semente de sucupira com função expectorante e do barbatimão, com um grande poder cicatrizante”, conforme relatou o técnico do IEF, Juraci Mendes Alkimim.

Em alguns trechos, a paisagem da Serra Geral se apresentou recortada por extensas plantações em áreas de domínio de empresas como a Rio Rancho Agropecuária e a Rima Florestal, grandes produtoras de carvão vegetal na região. Na BR 251, ao longo da estrada para o município de Grão Mogol, o Cerrado é interrompido por uma enorme floresta de Eucaliptos e Pinus. “São 50 mil hectares de Eucaliptos e 20 mil hectares de Pinus”, informou o técnico do IEF Willian Dias Sampaio.

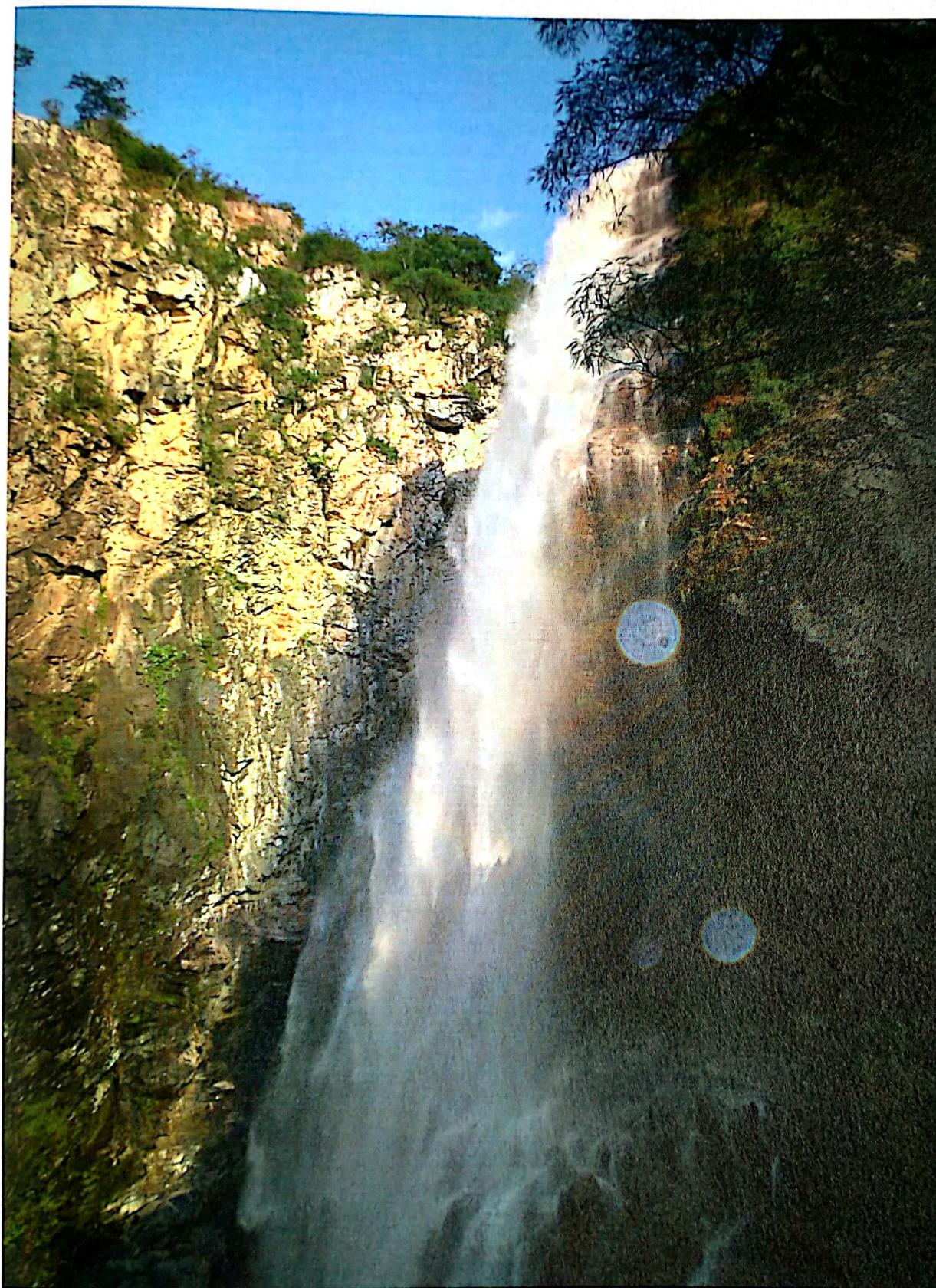
Ao longo do nosso percurso, foram surpreendentes a humildade, a simplicidade e a disposição deste povo do Norte em colaborar. Por onde a nossa caravana passou, arrancou sorrisos destes geraizeiros que encantam com seus semblantes de um povo batalhador e esperançoso de um mundo melhor.

Olhar para trás, após uma longa caminhada, pode fazer perder a noção da distância que percorremos. Mas, se nos detivermos em nossa imagem, quando iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos de quanto nos custou chegar ao ponto final e, hoje, temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos mais os mesmos, mas somos mais juntos. Sabemos mais uns dos outros. E é por esse motivo que dizer adeus se torna complicado. Digamos, então, que nada se perderá. Pelo menos, dentro da gente (...)
(João Guimarães Rosa)





Cachoeira Botumirim



Cachoeira do Serrado - Porteirinha - MG



Lavadeiras - Expedição caminhos dos Geraes



Fazenda Serra Geral - Expedição Caminhos dos Geraes



Casa na Serra Geral - Expedição Caminhos dos Geraes